

## ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA AGRESSIVIDADE E DA VIOLENCIA NO CONTEXTO DA OBRA FREUDIANA<sup>1</sup>

**Sergio Augusto Franco Fernandes<sup>2,3</sup>**

sergioaffernandes@gmail.com

**Resumo:** Enfatizamos, de forma breve e elucidativa, a partir de uma revisão da literatura, as noções de agressividade e violência no contexto da obra de Sigmund Freud. Buscamos compreender os motivos pelos quais a noção de violência, diferentemente da noção de agressividade, não adquiriu o *status* de conceito metapsicológico. Vale a ressalva de que foi a partir do uso dessas noções que Freud passou a se preocupar com e a elaborar as relações entre a psicanálise e a cultura. Intentamos, portanto, demonstrar que a psicanálise se apresenta como um importante contributo para o alargamento da nossa compreensão acerca dos complexos fenômenos que envolvem a agressividade e a violência.

**Palavras-chave:** Agressividade, cultura, pulsão de morte, violência.

---

<sup>1</sup> Recebido: 08-01-2025/ Aceito: 06-06-2025/ Publicado on-line: 23-06-2025.

<sup>2</sup> É professor na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Cachoeira, Bahia, Brasil.

<sup>3</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6046-1269>.

## Introdução

Se buscamos uma distinção e, ao mesmo tempo, os vínculos entre as noções de agressividade e violência na obra freudiana, constatamos, sem maiores dificuldades, que a violência não alcançou o *status* de um conceito metapsicológico, tal como aconteceu com a noção de agressividade. Na obra de Sigmund Freud, nos deparamos com o termo violência sendo utilizado, na maioria das vezes, no sentido comum, sem maiores preocupações epistemológicas. Acontece que, na medida em que acompanhamos o desenvolvimento do tema da agressividade no decorrer dos textos de Freud, observamos elaborações teóricas que terminam por tocar no núcleo da questão da violência, impelindo-nos a pensar, com mais acuidade, essa relação. Como atesta Renato Mezan: “É verdade que a questão da violência já se encontrava implicitamente e, por vezes às claras, no pensamento de Freud. O que é novo é a sua tematização constante e, mais do que isto, a posição central que ela passa a ocupar na problemática da psicanálise” (Mezan, 2013, p. 253). Conhecendo os seus textos, fica-nos evidente que Freud se mostrou mais sensível às questões da agressividade e da violência durante e após a Primeira Grande Guerra. Junte-se a isso a Revolução Soviética e a ascensão do fascismo, fenômenos históricos que marcaram a Europa naquele período. Tudo isso foi muito bem aproveitado por Freud como pano de fundo para as suas reflexões. Interessante notar que o uso que Freud fez dos termos “agressividade” e “violência” terminou por nos colocar, diretamente, diante das suas preocupações para com a clínica e para com a cultura.

Para Freud, a agressividade nos seres humanos se mostra distinta daquela que é observada nos bichos (animais irracionais), cuja expressão se mostra na luta constante pela conservação da espécie. Apesar de certa aproximação com a noção de instinto animal, essa proximidade não persiste, visto que, para Freud, a agressividade humana demonstra uma outra herança, qual seja, a que se inscreve na ordem social, tributária de uma lei à qual o ser humano se submete, articulando proibição, hostilidade e ética, tal como encontramos no mito da “horda primitiva” presente em *Totem e tabu* (Freud, 1913 [2012]). No que concerne ao humano, existe hostilidade e ódio, afetos estes que expressam a presença de uma intenção agressiva por parte do eu, que se mostra diferente da pulsão<sup>4</sup> agressiva. Podemos considerar o ódio como sendo a versão que deu origem à hostilidade, estando ambos na base do que Freud designou como princípio do prazer, princípio este considerado como regente do nosso aparelho psíquico. Lembrando que, como bem coloca Luiz Monzani, o que se encontra na base do princípio do prazer é, justamente, aquilo que provoca o desprazer, sendo esse desprazer, portanto, “[...] o verdadeiro motor, aquilo que faz o aparelho psíquico entrar em funcionamento, em ação [...]” (Monzani, 2005, p. 162). Aparelho psíquico acionado, estabelece-se, então, o programa do princípio do prazer, que passa a dominar o desempenho desse aparelho, desde o início.

Sobre a hostilidade e o ódio como afetos que manifestam aspectos agressivos, também a crueldade, tal como pode

---

<sup>4</sup> Optamos pelo uso do termo “pulsão” ao invés de “instinto”, com exceção das citações dos textos de Freud, onde permanecerá o termo “instinto” utilizado nas traduções de Paulo César de Souza. Quanto a essa questão, ver Souza (1999, p. 243-261).

ser observada no sadomasoquismo, se mostra algo próprio dos humanos. A base desse sadomasoquismo, segundo Freud (1924 [2011]), seria o egoísmo, próprio de toda satisfação sexual-biológica. Nesse sentido, a crueldade não supõe nenhuma consideração pelo outro. No que diz respeito ao desenvolvimento do nosso aparelho psíquico, Freud atribuiu grande importância à adolescência por considerá-la um período privilegiado de identificação, que acaba por favorecer a humanização dos adultos, tendo sua origem nas chamadas “fases pré-genitais da libido”, quando a compaixão pelo sofrimento do outro ainda não se constituiu. Freud, no entanto, não deixa de considerar que existem situações nas quais se constata a tendência à crueldade no adulto, principalmente no adulto masculino. O sadomasoquismo, portanto, se mostra como um exemplo do fracasso da compaixão social, da inibição da crueldade, fazendo com que a dor de outrem proporcione prazer, mostrando uma divisão subjetiva entre a tendência ao castigo e a intenção destrutiva.

De acordo com Freud, as ideias que versam sobre a constituição do ideal do Eu e sobre o narcisismo servem para ratificar a ideia da existência da agressividade no humano: “A esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. [...] O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era o seu próprio ideal” (Freud, 1914 [2010], p. 40). O ideal do Eu termina por favorecer o recalque do indivíduo, assim como, também, o da coletividade. Tal processo estaria na base da constituição do grupo humano. Vale lembrar que é no texto *O ego e o id* (1923 [2011]) que o termo super Eu aparece pela primeira vez, sendo

utilizado como sinônimo do ideal do Eu. Nesse contexto, super Eu e ideal do Eu sendo considerados sinônimos, são tidos como uma só instância formada pela identificação com os pais, correlativamente à decadência do complexo de Édipo, reunindo, portanto, as funções de interdição e de ideal. Contudo, fica o registro de que a maioria dos autores não costuma utilizar um termo pelo outro. O que é interessante e chama a atenção é que, a partir daí, o psicanalista vienense teria se debruçado sobre outras questões fundamentais, tais como a repetição, o masoquismo primário e a pulsão de morte.

Observando seu neto brincar com um carretel (brincadeira que se tornou conhecida pelo nome *fort-da*), Freud se deu conta de que certas formas de compulsão à repetição “[...] se configuravam como o verdadeiro aspecto apresentado pelo retorno do recalculo, concluindo que era praticamente impossível assegurar uma obediência única à busca do prazer” (Fernandes, 2023, p. 297). Percebeu aí um resíduo que sempre era deixado de lado, algo “além do princípio do prazer” e diferente do que, então, se chamava repetição. Imerso numa especulação que o tomou pelo resto da vida, pensando no movimento regressivo apontado pelo retorno do recalculo (observado na brincadeira do *fort-da*), Freud postulou a existência de uma tendência para uma volta à origem, um retorno ao estado inorgânico, de repouso, de não vida, pressupondo, desde então, a manifestação do que passou a designar como “pulsão de morte”. Podemos afirmar, com segurança, que a pulsão de morte foi a forma encontrada por Freud para dizer que o sujeito se estrutura sobre um pano de fundo que sugere destruição. O chamado masoquismo

primário, mencionado em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920 [2010]) e desenvolvido posteriormente no texto *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924 [2011]), é um exemplo cabal da expressão que diz que a vida é prisioneira da morte. Sabe-se que a compulsão à repetição sinalizou para Freud os caminhos da compreensão da presença da pulsão de morte, fazendo-o perceber que a agressividade aponta não para a desaparição do ser vivo, mas sim para uma maneira através da qual o ser vivo pode se preservar na cultura. Note-se que a pulsão de morte não é deduzida da agressividade, mas sim da compulsão à repetição; somente depois de um complicado percurso é que Freud conseguiu chegar na questão mesma da agressividade. Diz Mezan: “Esta (agressividade) é um dos ‘representantes’ da pulsão de morte, a par do sadismo, do masoquismo primário, da severidade do super Eu etc.” (Mezan, 1990, p. 433). Vamos, portanto, buscar compreender todo esse processo, conduzidos pelas noções de agressividade e violência que serão aqui apresentadas, para melhor serem elucidadas.

## Sobre a agressividade

Apesar de toda ênfase dada à sexualidade no quadro da primeira teoria freudiana das pulsões, a agressividade, gradativamente, foi ganhando importância no desenvolvimento da teoria psicanalítica, mostrando-se presente, desde cedo, no discurso freudiano. O problema da agressividade na teoria psicanalítica manifestou-se, inicialmente, a partir das incursões clínicas de Freud, ao observar o fenômeno da resistência como problema para o desenvolvimento do processo terapêutico. Em *A psicoterapia da histeria* (Freud, 1895 [2016],

p. 398), Freud nos apresentou algumas dificuldades com as quais o método psicanalítico se deparou, ressaltando o problema da resistência. Diz que em certo número de casos somente a ascendência da figura do médico sobre o paciente – fator afetivo fundamental – seria capaz de eliminar a resistência: “Em nossa exposição, até o momento, a ideia de *resistência* assumiu o primeiro plano” (Freud, 1895 [2016], p. 400). Foi, portanto, graças à resistência percebida no âmbito da clínica, que o psicanalista vienense conseguiu teorizar sobre a transferência, ao demonstrar que esse fenômeno se produz quando “[...] toda uma série de vivências psíquicas anteriores é reativada, mas não como algo passado, e sim na relação atual com o médico” (Freud, 1905-1901 [2018], p. 312).

Nesse mesmo texto nos diz, ainda, que o tratamento psicanalítico não produz a transferência<sup>5</sup>, apenas a revela, como tantos outros elementos ocultos da nossa vida anímica. Quando aprofundamos o nosso conhecimento da teoria e da técnica psicanalítica, tão logo percebemos que a transferência se mostra algo necessário e inevitável em todo processo psicanalítico. Vale lembrar que, inicialmente, a transferência era chamada de “transferência negativa”, visto que se relacionava com manifestações hostis e agressivas que surgiam durante o tratamento analítico. Freud, desde o famoso caso *Dora* (1905-1901 [2018]), percebeu, na intervenção da agressividade, um traço próprio, característico da terapêutica psicanalítica. Diz Freud:

---

<sup>5</sup> “Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada” (Laplanche; Pontalis, 1995, p. 514).

Já na psicanálise, em conformidade com uma base de motivos diferente, todos os impulsos, também os hostis, são despertados, são utilizados para a análise ao serem tornados conscientes, e nisso a transferência sempre volta a ser destruída. Destinada a ser o grande empecilho da psicanálise, a transferência se torna o mais poderoso recurso dela, quando conseguimos percebê-la a cada vez e traduzi-la para o doente (1905-1901 [2018], p. 314).

Sabe-se que, no decorrer de qualquer tratamento psicanalítico, essas moções de crueldade, quando sustentam os sintomas de um(a) paciente, são sempre dirigidas para a figura do(a) analista, que tem que saber lidar com essas intercorrências. A questão da transferência, assim como uma série de ideias e de conceitos psicanalíticos, surgiu como fruto de uma reflexão imposta a Freud a partir da experiência clínica da agressividade. São diversos os momentos em que ele faz referência ao termo “pulsão hostil” ou, mesmo, “tendência hostil”. De acordo com Laplanche e Pontalis (1995, p. 12), o complexo de Édipo logo é visto como uma conjunção de desejos, tanto hostis quanto amorosos, fazendo sobressair, assim, a ambivalência<sup>6</sup>, característica essencial da agressividade. Isso nos é apresentado, pela primeira vez, em “Os sonhos com morte de pessoas queridas”, presente no emblemático texto *A interpretação dos sonhos*, quando Freud diz o seguinte: “Um caso diferente são os sonhos que representam a morte de um parente amado e que são acompanhados de um afeto doloroso. Estes significam o que o conteúdo expressa, o desejo de que aquela pessoa morra” (Freud, 1900 [2020], p. 288).

---

<sup>6</sup> Termo criado por Eugen Bleuler e utilizado por Freud a partir do texto *A dinâmica da transferência* (Freud, 1912 [2010]).

Como vimos, foi nas experiências da clínica, mais especificamente no já referido caso *Dora* (1905-1901 [2018]) e, posteriormente, no também famoso caso do *Pequeno Hans* (Freud, 1909 [2016]), que a agressividade foi, então, inscrita no registro do sintoma, assumindo a sua produção e a sua reprodução. No caso do “Pequeno Hans”, Freud nos apresenta a história da doença e da “cura” de um jovem paciente que, a princípio, não provém da sua própria observação, isto é, o tratamento fora realizado pelo pai da criança, sendo que as linhas gerais foram traçadas pelo psicanalista vienense. Num determinado momento da história lida por Freud, o pai de Hans faz a seguinte observação, referindo-se a uma garota que chamou a atenção de seu filho: “Enquanto (Hans) se comportava agressivamente com as garotas em casa, ali era um admirador platônico enlanguescido” (Freud, 1909 [2016], p. 139). Aqui, apenas ressaltamos a primeira manifestação da agressividade no âmbito do caso clínico em questão, juntamente com a manifestação de um sentimento ambivalente (amor/ódio) por parte do garoto Hans.

Lembremos que no contexto do discurso metapsicológico, a teoria das pulsões, nesse período, ainda não havia sido elaborada: “Seria diferente se pudéssemos nos basear numa sólida teoria dos instintos. Mas não dispomos de algo assim, na verdade” (Freud, 1911 [2010], p. 98). Num primeiro momento, do início dos seus textos até por volta de 1913, Freud ressaltou a ligação entre as manifestações agressivas e as pulsões sexuais, sendo que, após essa fase, nos textos que antecedem *Além do princípio do prazer* (1920 [2010]), suas preocupações voltavam-se para as manifestações agressivas que provenham das pulsões do Eu. A partir do referido texto de

1920, as manifestações agressivas passaram, então, a ser pensadas, principalmente, como derivações da pulsão de morte. E, mesmo posteriormente, ao inscrever a autoconservação no registro do eu, a agressividade continuou sendo concebida nesse mesmo contexto metapsicológico, ou seja, Freud não enunciou, em momento algum, a existência de uma “pulsão de agressão”, visto que a agressividade já havia sido inscrita na oposição entre as ordens do sexual e da autoconservação.

É importante frisar que nos textos que foram publicados até 1913, as hipóteses apresentadas eram por demais complexas. Freud, ao longo desses anos, produziu hipóteses bastante interessantes, entretanto, parece que boa parte dos seus comentadores não as abordaram em sua totalidade. A agressividade era, então, uma atribuição secundária no que dizia respeito às pulsões sexuais, sendo possível também perceber suas manifestações nas pulsões do Eu. Ainda nesse período, a agressividade estaria vinculada ao complexo de Édipo. Isso é percebido quando Freud, na *Interpretação dos sonhos* (1900 [2020]), num trecho intitulado “Os sonhos com morte de pessoas queridas”, mencionado anteriormente, passa a analisar uma série de sonhos considerados típicos, que trazem à tona o desejo de morte:

Quando alguém sonha com a morte do pai ou da mãe, do irmão ou da irmã, manifestando grande dor, jamais usarei esse sonho como prova de que deseja sua morte *agora*. A teoria do sonho não exige tanto; ela se contenta em deduzir que essa pessoa – em algum momento de sua infância – lhe desejou a morte (Freud, 1900 [2020], p. 289).

Já num segundo momento, ainda nessa fase anterior a 1913, mais especificamente no texto *Três ensaios sobre a teoria*

*da sexualidade* (Freud, 1905 [2018]), a agressividade passa a ser relacionada a uma “pulsão de apoderamento”, hipótese essa que termina por imprimir nas pulsões sexuais propriedades agressivas, que teriam como função a dominação do objeto sexual pela força, com o objetivo de favorecer a união sexual, superando a resistência do objeto. Freud diferencia essa pulsão de apoderamento das pulsões sexuais, ao assegurar que os impulsos crueis, considerados desumanos, derivam da pulsão de apoderamento. De acordo com Freud, até então essa pulsão não havia sido analisada com o devido aprofundamento, mas, mesmo assim, ele supôs que o impulso cruel provém da pulsão de apoderamento, surgindo na vida sexual num momento em que a genitália da criança ainda não assumiu o seu papel posterior: “Assim, ele (o instinto/pulsão de apoderamento) domina uma fase da vida sexual que depois descreveremos como organização pré-genital” (1905 [2018], p. 101).

Dando continuidade a esse período anterior a 1913, temos um terceiro momento, quando as pulsões sexuais, na sua totalidade, apresentariam um componente sádico derivado do chamado estágio pré-genital sádico-anal, estágio este responsável por toda uma gama de sentimentos hostis e agressivos presentes nas relações em que se percebe a circulação de afetos nas crianças. Para melhor ilustrar esse terceiro momento, de forma breve nos reportamos ao texto *Caráter e erotismo anal* (Freud, 1908 [2016]), onde Freud busca justificar o seu ponto de vista, qual seja, que na origem das pulsões sexuais existe um componente sádico responsável pelos sentimentos agressivos. Enfim, tudo isso, todas essas formas de abordar a agressividade, mesmo com toda complexidade das

hipóteses acerca das manifestações agressivas, elas continuaram a valer, tendo sido alteradas e aperfeiçoadas ao longo da sua obra.

Joel Birman (2006, p. 366) chama a nossa atenção, lembrando que quem primeiro propôs o conceito de agressão teria sido Alfred Adler, em 1908, nas famosas reuniões das quartas-feiras, ao articular a agressividade ao registro do sadismo. Nesse mesmo ano, o referido psicanalista teria publicado um pequeno artigo intitulado *Der Aggressionstrieb im Leben und in der Neurose* (“As expressões da pulsão agressiva na vida e na neurose”) (Adler, [1908] 2018). De acordo com Birman, Freud teria chegado a concordar com a descrição clínica de Adler, entretanto, teria se recusado a admitir a hipótese acerca da existência de uma pulsão especificamente agressiva no campo psicanalítico. Freud teria anunciado os elementos comuns às duas espécies de pulsão (pulsões sexuais e pulsões de autoconservação), primeiro afirmando, por um lado, a definição apresentada no *Caso Schreber* (Freud, 1911 [2010], p. 98) – de que a pulsão seria um conceito limítrofe entre o psíquico e o somático – e, depois, acrescentou um novo elemento que denominou *Drang* (impulso), descrito por Freud como sendo a própria essência da pulsão, “[...] o seu elemento motor, a soma de força ou a medida de trabalho que ele representa” (Freud, 1915 [2010], p. 57), concluindo que toda pulsão é uma parcela/fragmento de atividade.

Inicialmente, Freud recusou a existência da pulsão de agressão, mas, com o passar do tempo, essa manifestação ganhou evidência, aparecendo como um conceito essencial para a leitura do aparelho psíquico. Sobre essas tendências

hostis e agressivas, muito tempo se passou até Freud, por fim, elaborar algo que fosse mais definitivo. Nesse ínterim, continuou ocupado, se interrogando sobre as manifestações ocorridas na clínica. E pelo que sabemos, as manifestações da agressividade na clínica tiveram papel fundamental, tanto na elaboração da teoria psicanalítica, na construção da sua metapsicologia, como serviu, também, de referência na elaboração das duas teorias pulsionais. A agressividade foi, portanto, concebida como ramificação do conflito estabelecido entre os dois polos pulsionais, sob as diversas formas da violência, da destruição e da autodestruição.

A agressividade somente seria reconhecida como uma pulsão exclusiva a partir da publicação, em 1920, de *Além do princípio do prazer*, quando Freud elaborou a sua segunda teoria pulsional. Nessa obra, a agressividade, que inicialmente fora vista como uma característica comum a todas as pulsões, se consolida enquanto conceito da metapsicologia freudiana ao ser integrada à teoria da pulsão de morte. Reconhecendo a força da pulsão de morte como um princípio natural e universal, Freud atribuiu à agressividade uma dimensão fundamental e não apenas derivativa. No contexto metapsicológico, portanto, a agressividade passa a ser compreendida não mais como uma força independente da pulsão de vida, mas sim como um dos aspectos da pulsão de morte, uma força que procura regredir do estado vivo ao estado inorgânico, de não-vida.

É nesse texto de 1920 que Freud justifica o surgimento do conceito de pulsão de morte, tanto do ponto de vista clínico quanto do ponto de vista teórico. Essa noção termina por responder ao tão complexo dualismo pulsional, ao

formar par com a pulsão de vida, sendo pensada de maneira diferente dos outros dualismos pulsionais, seja o de autoconservação e sexual, seja o do eu e sexual. Se, por um lado, essa noção de pulsão de morte acaba por dar conta de certos problemas encontrados na própria teoria psicanalítica, por outro, outras dificuldades aparecem, a partir da elaboração dessa tão intrincada noção. No decorrer do presente artigo essa noção será retomada, para ser mais bem elucidada.

### **Sobre a distinção entre agressividade e violência**

É a possibilidade do desejo de destruição que nos permite distinguir entre uma pura descarga agressiva, do seu emprego intencional, a saber, a violência. A descoberta de Freud, no que tange à pulsão de morte, se mostra exemplar. O psicanalista vienense sempre buscou apresentar o que havia de mais destrutivo e agressivo nos desejos e nos comportamentos mais profundos do indivíduo. Após seus estudos sobre a pulsão de morte, a crença na prevalência desse conceito se tornou patente por parte de seus seguidores, passando, então, a funcionar como “prova” da violência existente no nosso psiquismo e nas relações sociais. Freud tem trabalhos bastante significativos para demonstrar esse funcionamento, na medida em que nos remetem, diretamente, ao problema da agressividade, da destruição e da violência, não somente nas relações interpessoais, como também na vida social. Destacam-se, aqui, alguns trabalhos muito bem escolhidos e elencados por Jurandir Freire Costa (1984, p. 22-23) como especialmente importantes para essa demonstração. Utilizaremos a sugestão de Costa e discorreremos, de forma breve, acerca desses textos, buscando extrair o que eles nos

oferecem de essencial. Os textos sugeridos são: *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (1915 [2010]); *Além do princípio do prazer* (1920 [2010]); *O mal-estar na civilização* (1930 [2010]); *Por que a guerra?* (1932 [2010]).

Quanto ao texto de 1915, *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, Freud fez referência ao ódio do ser humano e às suas pulsões “más” e “egoístas”, procurando mostrar, na sua perspectiva evolucionista, que sem a intervenção da civilização o indivíduo é instintivamente destrutivo. Discorre, então, sobre o suposto modo de vida dos povos primitivos:

A investigação psicológica – em sentido mais rigoroso, a psicanalítica – mostra, isto sim, que a essência mais profunda do homem consiste em impulsos instintuais de natureza elementar, que são iguais em todos os indivíduos e que objetivam a satisfação de certas necessidades originais. Esses impulsos instintuais não são bons nem maus em si. Nós os classificamos dessa forma, a eles e a suas manifestações, conforme sua relação com as necessidades e exigências da sociedade humana. Há que admitir que todos os impulsos que a comunidade proíbe como sendo maus – tomemos como representativos os egoístas e os cruéis – estão entre os primitivos (Freud, 1915 [2010], p. 218-219).

De acordo com Freud, os impulsos primitivos são inibidos e desviados para outras metas e outros domínios, misturando-se uns com os outros, mudando seus objetos, direcionados, em parte, para a própria pessoa, após percorrerem um demorado caminho de desenvolvimento até tornarem-se ativos, no indivíduo adulto. Diz também que as formações reativas que se voltam contra certas pulsões terminam por produzir uma ilusão de transformação no seu conteúdo, nos fazendo acreditar que o egoísmo pode tornar-se altruísmo e, a

crueldade, compaixão. Note-se que algumas dessas pulsões surgem a partir de pares de opositos, o que acaba causando uma certa estranheza por parte das pessoas comuns que, no geral, não compreendem, necessariamente, o que Freud chamou de “ambivalência afetiva”. Ele nos diz que tanto o amor intenso quanto o ódio intenso podem ser percebidos surgindo ao mesmo tempo, na mesma pessoa: “A isso a psicanálise acrescenta que não é raro os dois impulsos afetivos tomarem a mesma pessoa por objeto” (Freud, 1915 [2010], p. 219). Superadas essas transformações pulsionais, podemos, então, pensar na formação do caráter de uma pessoa. Interessante observar que pela interferência dos componentes eróticos, as pulsões egoístas são transformadas em “pulsões sociais”.

No texto de 1920 - *Além do princípio do prazer* -, como se sabe, Freud elaborou a noção de pulsão de morte, que terminou por dar conta de noções anteriores, tais como a pulsão de domínio, a pulsão de destruição, a pulsão de agressão e outras mais. Lado a lado com a sexualidade, a destruição passou a ser decisiva na compreensão dos mecanismos psíquicos, tornando-se um dos elementos fundamentais no que diz respeito ao destino, tanto da vida psíquica quanto da vida social do indivíduo. A ambição de Freud, enquanto psicanalista, sempre foi determinar princípios e categorias que viessem a tornar mais compreensíveis os fenômenos observados na clínica, contribuindo, dessa forma, para uma maior coerência da prática terapêutica no meio psicanalítico. Conforme Mezan (1990), é nesse texto de 1920 que Freud encontra, no fenômeno do sadismo, não mais um representante da pulsão de morte (como chegou a pensar), mas sim um

provável vínculo entre essa pulsão e as pulsões eróticas, nos abrindo uma gama de possibilidades a partir de então:

Com efeito, se o sadismo pode ser concebido como um efeito da pulsão de morte, é porque esta é capaz de se exteriorizar e de se fundir com Eros: o que permite supor que seu “estado puro”, ao menos na medida em que possa ser localizado, aparecerá como resultado de uma *defusão*<sup>7</sup>, que repõe em sua esfera própria o impulso à auto-destruição (Mezan, 1990, p. 446).

A fusão, portanto, atua de acordo com Eros, enquanto a defusão age sob os auspícios de Thânatos, tendo como resultado o surgimento concomitante das duas pulsões, que se manifestam de forma autônoma. Observa-se, então, que o sadismo se manifesta enquanto componente libidinal, e o masoquismo primário, implicado pela origem atribuída ao sadismo, como primeiro representante psíquico da pulsão de morte, embora isso não seja suficiente para uma definição completamente segura. Foi introduzindo os conceitos de fusão e defusão pulsional que Freud conseguiu, de certa maneira, compreender o caráter fugidio da pulsão de morte, constatando, assim, que todas as pulsões possíveis de serem observadas terminavam por serem ramificações de Eros. Note-se que pulsões de vida e pulsões de morte perpassam a totalidade do existente, produzindo conflitos em todos os níveis, originando as mais diferentes manifestações, dentre as quais as que aqui nos interessam, a saber, a agressividade e a violência.

---

<sup>7</sup> Fusão/defusão: “Termo usado por Freud, no quadro da sua última teoria das pulsões, para descrever as relações das pulsões de vida e das pulsões de morte tal como se traduzem nesta ou naquela manifestação concreta. A fusão das pulsões é uma verdadeira mistura em que cada um dos dois componentes pode entrar em proporções variáveis; a defusão designa um processo cujo limite redundaria num funcionamento separado das duas espécies de pulsões, em que cada uma procuraria atingir o seu objetivo de forma independente” (Laplanche; Pontalis, 1995, p. 205-206).

Em *O mal-estar na civilização* (1930 [2010]), Freud discorre acerca dos instintos destrutivos, mantendo o ponto de vista de que a agressividade constitui uma certa disposição do ser humano, fazendo-nos refletir se não seria esse, justamente, o maior problema da humanidade: “A existência desse pendor à agressão, que podemos sentir em nós mesmos e justificadamente pressupor nos demais, é o fator que perturba nossa relação com o próximo e obriga a civilização a seus grandes dispêndios” (Freud, 1930 [2010], p. 77). Freud nos faz pensar que existe uma permanente ameaça de desintegração da sociedade, dada a presença de uma hostilidade primária entre as pessoas. Nesse sentido, são fundamentais as formações psíquicas reativas, cujo intuito deve ser a imposição de limites em relação aos instintos agressivos. De acordo com Freud, esse empenho da civilização em impor limites à violência, até então não havia logrado tanto êxito, visto que “[...] a lei não tem como abarcar as expressões mais cautelosas e sutis da agressividade humana” (Freud, 1930 [2010], p. 78). Mesmo sendo possível ligar multidões de indivíduos recorrendo aos apelos do amor, sempre vai haver outros indivíduos, fora do grupo, que serão alvos da exteriorização da agressividade.

Freud, portanto, não abre mão do ponto de vista de que a nossa tendência à agressão seja uma disposição pulsional original e autônoma, reafirmando que esse seria o maior obstáculo para a convivência entre os humanos. A cultura se mostra, para Freud, como um processo à serviço de Eros, cuja meta deve ser a união de todos numa só unidade, que seria a humanidade. Entretanto, a esse programa da cultura se opõe a pulsão natural de agressão, carregada de hostilidade

contra o outro: “Esse instinto (pulsão) de agressão é o derivado e representante maior do instinto de morte, que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo” (Freud, 2010 [1930], p. 90). Freud passa, então, a crer que o sentido da evolução cultural deixou de ser um enigma, fazendo-o perceber que a luta entre Eros e Thânatos, instinto de vida e instinto de morte/destruição, seria o conteúdo fundamental da vida, sendo a evolução cultural uma espécie de “luta vital da espécie humana” (Freud, 1930 [2010], p. 91), uma verdadeira “batalha de gigantes”.

Essa questão é novamente abordada na correspondência com Albert Einstein, em 1932, publicada no texto *Por que a guerra?*. Aqui, Freud retoma os temas da agressividade e da destrutividade no ser humano, de maneira a chamar a nossa atenção, na medida em que passa a utilizar a palavra “violência” com muito mais frequência, empregando-a em contextos diversos, tornando a sua compreensão problemática, cheia de ambiguidades. Freud concorda com Einstein quanto ao ponto de partida dessa discussão, a saber, a relação entre direito e poder, entretanto, sugere substituir a palavra poder por violência, utilizando-as como sinônima: “Posso substituir a palavra ‘poder’ por ‘violência’? Direito e violência são atualmente opostos para nós” (Freud, 1932 [2010], p. 419). Diz ser evidente que o direito se desenvolveu a partir da violência, sendo a violência o meio empregado, desde sempre, para a resolução dos conflitos de interesse. No caso dos humanos, existem também os conflitos de opinião, muitas vezes abstratos, que terminam por exigir outras maneiras de resolução. Supostamente, no início, numa restrita horda de humanos, o mais forte fisicamente é quem decidia a vontade

que prevaleceria ou quem seria dono de quê. Com o passar do tempo, essa força física teria sido substituída pelo uso de instrumentos, saindo, então, vencedor aquele que sabia aplicá-los com mais habilidade. Daí, com o aperfeiçoamento dos instrumentos (armas), aqueles com mais inteligência passaram a ocupar o lugar daqueles que utilizavam apenas a força bruta. A vida evoluiu, todavia, o propósito da luta sempre foi o mesmo, isto é, obrigar a parte derrotada a abandonar a sua posição, sendo subjugada ou sendo eliminada com a morte. Diz Freud:

Esse é o estado original, o domínio do poder maior, da violência crua ou apoiada na inteligência. Sabemos que esse regime foi alterado no curso do desenvolvimento, que houve um caminho da violência para o direito; mas qual? Um único caminho, creio eu; que considerou o fato de que a maior força de um podia ser compensada pela união de vários fracos (1932 [2010], p. 420).

Sendo assim, a união termina por derrotar a violência, ficando o direito representado pela força da adesão de muitos, em oposição à violência de um só. E mesmo o direito sendo representado pelo poder de uma comunidade, esse poder, de acordo com Freud, continuaria a ser violência, sempre pronta para ir para cima daqueles que a ela se opusessem: “A diferença está apenas em que não é mais a violência de um só indivíduo que se impõe, mas da comunidade” (Freud, 1932 [2010], p. 421). Nesse sentido, o direito da comunidade passaria a ser a expressão das relações desiguais de poder no seu próprio interior, onde as leis passariam a ser elaboradas pelos que dominam e para os que dominam, onde os dominados seguiriam com os seus escassos direitos.

## A violência e suas incidências na cultura

Como dito inicialmente, Freud não nos apresentou uma teoria do seu próprio cunho acerca da violência, nem definiu essa noção como um conceito da sua metapsicologia. Entretanto, sem maiores esforços, podemos perceber que o tema da violência perpassa parte importante da sua obra, surgindo de maneiras as mais diversas, aparecendo nos mais diferentes contextos. Levando em conta que a associação entre violência e cultura ocupa parte considerável da sua obra, não podemos prescindir de uma avaliação do papel da cultura, isto é, das incidências da violência na cultura. Vale ressaltar que a problemática da violência presente no discurso freudiano acerca da cultura se faz presente, de maneira mais efetiva, a partir da já citada obra *Totem e tabu* (1913 [2012]). Nessa obra, Freud enfatiza o papel fundamental da violência na formação do campo social, associando o parricídio à origem do vínculo social. Como sabemos, ele recorre à construção de uma espécie de mito (o mito da “horda primitiva”)<sup>8</sup>, propondo, a partir daí, a sua teoria da origem da cultura, correlata a sua teoria da humanização do indivíduo (Freud, 1913 [2012], p. 45).

A referida obra descreve uma série de eventos que terminam por destacar a mudança da humanidade de um convívio social rude e primitivo, caracterizado pela presença da

---

<sup>8</sup> “Um dia, os varões que não tinham fêmeas se rebelaram contra o tirano. A horda patriarcal se transformou em uma irmandade de filhos que mataram o pai, fizeram-no aos pedaços e o repartiram com as mulheres. A fim de conservar a nova ordem social e impedir que se formasse uma nova tirania, decide-se que ninguém podia ocupar o lugar do pai. Mas, evidentemente, os membros da comunidade, a irmandade, não podiam impedir uns aos outros de formar novas famílias com o chefe predominante. Em lugar da grande família com o pai tirânico, sucedem-se várias famílias cujos pais entendiam-se até certo ponto. Todos eles adoravam o totem em memória do arquipai” (Monzani, 2019, p. 11).

violência, para um outro tipo de convívio, agora regulado por um contrato social. Nesse texto de 1913, podemos evidenciar a função essencial da violência no fundamento da cultura, sendo o “parricídio” - para Freud, expressão maior da violência - que vai caracterizar o fundamento das organizações sociais, suas restrições morais e possibilidades de vínculos entre os iguais. De acordo com Farah e Herzog (2005), os crimes então recorrentemente engendrados passaram a ser contidos a partir do contrato entre os irmãos. Como consequência, a guerra, por exemplo, seria recalculada e a sociedade se constituiria, se formaria: “O desenvolvimento civilizatório ocasionaria progressivamente mais repressão pulsional e as guerras seriam ‘naturalmente evitadas’” (Farah; Herzog, 2005, p. 53).

Embora o problema da violência, em *Totem e tabu* (1913 [2012]), não tenha sido superado, Freud sugere uma certa normatividade entre os laços sociais, ao apontar para uma evolução que perpassa pelo animismo, pela religiosidade e pela fase científica da humanidade. Entretanto, essa compreensão, até certo ponto “otimista”, se desfaz, dando lugar a um discurso mais realista, mais desiludido, como encontramos no texto *Considerações atuais sobre a guerra e a morte* (Freud, 1915 [2010]). Com o início da Primeira Grande Guerra, Freud se viu diante de novos e profundos questionamentos concernentes tanto ao desenvolvimento da cultura, quanto à possibilidade de erradicação da violência. O violento combate protagonizado pelas grandes potências surpreendeu a todos, tendo como consequência um altíssimo índice de destruição. Pontua Freud:

O cidadão individual pode verificar com horror nessa guerra o que eventualmente já lhe ocorria em tempo de paz: que o Estado proíbe ao indivíduo a prática da injustiça, não porque deseje acabar com ela, mas sim monopolizá-la, como fez com o sal e o tabaco. O estado beligerante se permite qualquer injustiça, qualquer violência que traria desonra ao indivíduo (1915 [2010], p. 216).

A questão que, então, passara a atormentar Freud, o fez indagar como indivíduos que faziam parte da “mais alta civilização humana”, devidamente educados, poderiam agir de maneira tão primitiva e violenta. A partir daí, podemos considerar que Freud elaborou uma perspectiva em que a violência passaria a se mostrar inerente à nossa constituição cultural, visto que ela se apresenta intrínseca ao nosso psiquismo e completamente presente nas atuações do Estado. Como já dito por Mezan (2013, p. 253), a questão da violência já se encontrava implícita no pensamento de Freud, sendo novidade a sua tematização constante que passou, então, a ocupar um lugar central no seu pensamento. A oposição entre as pulsões de vida e as pulsões de morte forneceram elementos essenciais para o pai da psicanálise pensar as transformações na sua teoria, no que diz respeito aos temas da cultura e da violência. Reordenou-se o dualismo pulsional, sendo apresentados os fundamentos para um novo entendimento do par sadismo-masoquismo, assim como foi admitida a existência de uma violência e de uma destrutividade inerentes ao indivíduo e à cultura.

No já citado *O mal-estar na civilização* (1930 [2010]), Freud supõe que no conflito entre interesses individuais e culturais se expressaria a violência da cultura, que se impõe pela via das instituições e dos seus mecanismos de controle.

Destaca a repressão e o recalque como formas de minimizar a insatisfação pulsional, seja dos impulsos libidinais, seja dos impulsos agressivos. Para Freud, as pessoas costumam negar que o ser humano tenha, dentre seus dotes pulsionais, uma forte parcela de agressividade, sendo esse pendor à agressão, como já dito, provavelmente o fator que termina por atrapalhar a nossa relação com os outros indivíduos, obrigando a civilização a ter grandes dispêndios. Nesse sentido, a hostilidade primária, carregada de agressividade, termina por ameaçar permanentemente a desintegração da sociedade. De acordo com Freud, a civilização deve se obrigar a utilizar todos os seus recursos para pôr limites às pulsões agressivas dos indivíduos, com o intuito de deixá-los em alerta quanto aos riscos de suas manifestações. Diz o psicanalista:

Evidentemente não é fácil, para os homens, renunciar à gratificação de seu pendor à agressividade; não se sentem bem ao fazê-lo. Não é de menosprezar a vantagem que tem um grupamento cultural menor, de permitir ao instinto um escape, através da hostilização dos que não pertencem a ele. Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade (Freud, 1930 [2010], p. 80-81).

A denúncia da repressão aparece, nessa obra, como uma das grandes contribuições do psicanalista vienense para a crítica da cultura. A força dessa crítica vai se encontrar, justamente, na transformação dos impulsos sexuais e agressivos em metas culturais; a consequência disso seria a insatisfação do indivíduo e o mal-estar que tudo isso vem a lhe proporcionar. A cultura, como sabemos, impõe sacrifícios não apenas à nossa sexualidade, mas também às nossas tendências agressivas, nos fazendo compreender melhor as dificuldades que

enfrentamos na busca da nossa felicidade. Freud se atém à ideia de que a nossa tendência à agressividade é uma disposição pulsional original e autônoma, reafirmando o que já havia dito, que a civilização tem, na sua tendência agressiva, o seu mais forte empecilho na busca pela felicidade. Diz Freud:

Mas a esse programa da cultura se opõe o instinto natural de agressão dos seres humanos, a hostilidade de um contra todos e de todos contra um. Esse instinto de agressão é o derivado e representante maior do instinto de morte, que encontramos ao lado de Eros e que partilha com ele o domínio do mundo. Agora, acredito, o sentido da evolução cultural já não é obscuro para nós. Ela nos apresenta a luta entre Eros e morte, instinto de vida e instinto de destruição, tal como se desenrola na espécie humana (1930 [2010], p. 90-91).

No texto *Por que a guerra?* (1932 [2010]), que veio à tona dois anos após a publicação de *O mal-estar na civilização* (1930 [2010]), Freud mais uma vez define a violência como elemento estruturante da cultura. Distante de um dualismo pulsional absoluto, suas reflexões o fizeram pensar a guerra como resultado de um conflito de interesses que reestruturaram a nossa realidade material, ao encontrar apoio nas pulsões de morte e destruição. Nas suas especulações (Freud, 1932 [2010], p. 428-429), ele já havia chegado à conclusão de que a pulsão de destruição atuava no interior de cada um de nós e de todos os seres vivos, se empenhando, então, em nos levar de volta ao estado inorgânico, de não-vida, sempre atuando concomitantemente com as pulsões eróticas, pulsões estas que representam, como se sabe, os esforços da vida. Essa ideia foi originalmente apresentada em *O problema econômico do masoquismo* (1924 [2011]), onde Freud coloca que,

caso a pulsão de morte, que costuma trabalhar em silêncio no interior do nosso psiquismo, não viesse a se manifestar como violência, ela terminaria por destruir o próprio indivíduo. Isso quer dizer que não é somente Eros ou a necessidade de amor que direciona os indivíduos uns aos outros, mas também a necessidade de destruir, sob pena da autoaniquilação. Na explicação desse comportamento, Freud foi levado a deixar de lado a libido, limitando-se a supor que a pulsão de destruição se voltou novamente para o interior, se “enfurecendo” consigo mesma. Questiona Freud: “[...] mas deve haver algum sentido no fato de a linguagem corrente não ter abandonado a relação entre essa forma de comportamento e o erotismo, chamando também aos que prejudicam a si mesmos de masoquistas” (1924 [2011], p. 194).

Vale lembrar que cultura e indivíduo, para Freud, possuem diferentes objetivos, quais sejam: a cultura busca a integração e o indivíduo busca a felicidade. Daí o antagonismo irremediável anunciado pelo pensador vienense em *O mal-estar na civilização* (1930 [2010]): entre os nossos desejos e as exigências da vida em sociedade, estabelece-se um conflito permanente entre o princípio do prazer e o princípio de realidade. Freud, no fim das contas, tinha a esperança de que ambas as metas pudessem ser abrandadas e o conflito irreconciliável entre o indivíduo e a cultura pudesse ser minimamente atenuado. Note-se que a violência da cultura aparece, nessa obra, sob diversos enfoques; Freud admite, a partir das suas próprias críticas, que o único caminho para a sociabilidade, apesar de todas as suas contradições, seria mesmo o da cultura.

## Considerações finais

Levemos em conta que aquilo que denominamos “mal-estar” pode muito bem ser caracterizado pelos diversos modos através dos quais a agressividade costuma se manifestar, seja voltando-se para a exterioridade, seja voltando-se para o interior do nosso próprio aparelho psíquico. Como já dito, houve, no discurso inicial de Freud – diferentemente do discurso de Adler –, uma recusa da existência de uma pulsão puramente agressiva. Foi com o passar do tempo que a noção de agressividade ganhou evidência, sobressaindo-se, então, como conceito imprescindível para a leitura do nosso psiquismo, sendo ela concebida, portanto, como uma expansão de um conflito estabelecido entre os dois polos pulsionais, sob as mais diversas configurações da violência, da autodestruição e da destruição. Aparentemente irracional, um ato violento pode nos remeter às razões de um desejo inconsciente; podemos dizer que é através do desejo que a dimensão do humano melhor se manifesta.

A questão da violência aparece, nos textos de Freud, de forma mais evidenciada a partir das suas elucubrações sobre as consequências da Primeira Grande Guerra. Um movimento interessante é percebido no decorrer da sua obra, apontando para um deslocamento que vai do indivíduo à coletividade, levando, naturalmente, o pensador vienense a buscar uma aproximação com outras áreas do conhecimento. Vimos que o termo agressividade se faz presente nos dicionários de psicanálise, enquanto o termo violência não ganhou o mesmo destaque, isto é, não aparece como um conceito específico da metapsicologia freudiana. Talvez a violência não tenha alcançado o estatuto de um conceito

metapsicológico pelo fato de ela não ter se revelado diretamente do pulsional, tal como a agressividade se revelou para Freud. É-nos evidente que existe agressividade na violência, entretanto, o que chamamos de pulsional deve ser entendido como a substância da agressividade, cuja intensidade deve variar de acordo com a quantidade de energia, isto é, de acordo com a pressão (*Drang*) da pulsão. A guerra evidenciou para Freud que o nosso primitivo ser continua inalterado no nosso psiquismo: “Ela nos despe das camadas de cultura posteriormente acrescidas e faz de novo aparecer o homem primitivo em nós” (Freud, 1915 [2010], p. 246). Nesse sentido, é interessante o que nos diz Paulo Ceccarelli:

A guerra expõe a violência do homem primevo em nós, pois os laços civilizatórios não mais se sustentam, transformando o outro em objeto. A ruína do estado de cultura, a impossibilidade de mantê-lo, atesta sua fragilidade ao transformar a agressividade em violência (Ceccarelli, 2020, p. 217).

Como vimos, os impulsos primitivos permanecem, não desaparecem, ficam apenas aguardando uma oportunidade para se manifestarem, para se tornarem ativos. A violência é fruto do nosso estado de cultura, e por mais irracional que ela possa parecer, trará sempre consigo desejos conscientes e desejos inconscientes. No fim das contas, é a viabilidade de um desejo de destruição que nos possibilita diferenciar uma pura descarga agressiva do seu emprego proposital, a saber, a violência. Supostamente, na horda primitiva (Freud, 1913 [2012]), antes do “parricídio”, não existia a violência, somente existia a agressividade, o que nos faz pensar que ela traz consigo uma herança inscrita na ordem social, de uma

lei à qual o ser humano é submetido tendo, então, que articular proibição com hostilidade e ética. Lembremos também que a cultura e a linguagem foram surgindo paulatinamente devido, justamente, à repressão da agressividade: “Duas parecem ser as mais importantes características psicológicas da cultura: o fortalecimento do intelecto, que começa a dominar a vida instintual, e a internalização da tendência à agressividade, com todas as suas consequências vantajosas e perigosas” (Freud, 1932 [2010], p. 434).

Na psicanálise, como vimos, a violência é vista sempre com um referencial que mostra que o encontro com a linguagem não é sem consequências para o humano. Com referência à agressividade, Freud a situa como constitutiva do eu, na sua estrutura e na sua relação com seus objetos. Não há negação da sua existência; aliás, a agressividade é afirmada na ordem do que é humano, na ordem libidinal. A agressividade existe, entretanto, ela pode ser recalada, sublimada e o ser humano pode, através do uso da palavra, intervir simbolicamente, evitando sua manifestação pelas vias do ato violento.

Em meio às aproximações e aos distanciamentos ressaltados no decorrer do presente artigo, vimos que tanto a agressividade quanto a violência compartilham algo em comum, isto é, supõem algo relacionado à renúncia por parte do indivíduo, no sentido, por exemplo, de um recalque necessário para a continuidade do desenvolvimento da vida individual e coletiva. As preocupações do pensador vienense para com a clínica e para com a cultura são percebidas a partir do uso que ele faz, nos seus textos, dessas duas noções. Freud, com certeza, antecipou-se à sua época com suas ideias e, com a prática da escuta psicanalítica, interpretou os ruídos

característicos das mudanças subjetivas, na forma privilegiada dos sintomas. Sabemos que a problemática da agressividade e da violência se caracteriza pela sua complexidade, sendo necessário um esforço teórico interdisciplinar, onde diversos saberes (psicanálise, sociologia, antropologia, filosofia, ciência política) devem ser tidos como complementares, e não como excludentes. A nosso ver, a psicanálise ganha destaque entre os saberes que problematizam a agressividade e a violência justamente por ser uma forma de discurso que foi criado para abordar, de maneira profunda, o sofrimento psíquico e suas causas. Outra contribuição de relevância da psicanálise foi, com certeza, a invenção do conceito de pulsão de morte e seu potencial destrutivo, irredutível do nosso psiquismo, cuja teorização Freud jamais deixou de lado. Vale, aqui, uma interessante citação da psicanalista Betty Fuks:

Nesse momento difícil, apesar das decepções, dores e do exílio forçado, Freud deixa transparecer uma esperança: para que a psicanálise se faça mais forte do que a destruição e se sobreponha ao terror da história, seus avanços devem ser garantidos na cultura pelo escutar da inesgotável melodia da pulsão (2003, p. 65).

Intentamos demonstrar, dessa maneira, que a psicanálise pode contribuir como importante instrumento para o alargamento da nossa compreensão acerca dos debates hodiernos que envolvem os intrincados fenômenos da agressividade e da violência, destacando-a como alternativa em meio aos discursos dominantes.

**Abstract:** We emphasize, briefly and elucidately, based on a literature review, the notions of aggression and violence in the context of Sigmund Freud's work. We seek to understand the reasons why the notion of violence, unlike the notion of aggressiveness, did not acquire the status of a metapsychological concept. It is worth noting that it was from the use of these notions that Freud began to be concerned with and to elaborate the relations between psychoanalysis and culture. We therefore intend to demonstrate that psychoanalysis presents itself as an important contribution to the broadening of our understanding of the complex phenomena that involve aggression and violence.

**Keywords:** Aggression, culture, death drive, violence.

## Referências

- ADLER, Alfred (1908). Der Aggressionstrieb im Leben und in der Neurose. *Fortschritte der Medizin*, v. 26, n. 19, p. 577-584, 2018. (Publicado no Brasil em: Revista *Lacuna*, n. 6, tradução de Caio Padovan e Julia Schlemm, São Paulo, 2018).
- BIRMAN, Joel. Arquivo da agressividade em psicanálise, *Natureza Humana*, v. 8, n. 2, p. 357-379, jul./dez. 2006.
- CECCARELLI, Paulo. Agressividade, trabalho de cultura e violência. In: ANDRADE, Eduardo; FREITAS, Victor; CECCARELLI, Paulo (orgs.). *A psicanálise na vida cotidiana* 2. Bom Despacho: Literatura em Cena, 2020.
- COSTA, Jurandir Freire. *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FARAH, Bruno; HERZOG, Regina. A psicanálise e o futuro da civilização moderna. *Psychê: Revista de Psicanálise*, v. 9, n. 16, p. 49-64, 2005.

FERNANDES, Sergio Augusto Franco. A repetição como problema na transferência e nas neuroses traumáticas. In: NAMBA, Janaína; SORIA, Ana Carolina Soliva (orgs.). *Cem anos de Além do princípio do prazer*. São Paulo: Alameda/CNPq, 2023.

FREUD, Sigmund (1895). Psicoterapia da histeria. In: *Obras completas*, vol. 2. Tradução de Laura Barreto, revisão da tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund (1900). Os sonhos com morte de pessoas queridas. In: *Obras completas*, vol. 4. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FREUD, Sigmund (1905/1901). Análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora). In: *Obras completas*, vol. 6. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FREUD, Sigmund (1908). Caráter e erotismo anal. In: *Obras Completas*, vol. 8. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund (1909). Análise da fobia de um garoto de cinco anos (O pequeno Hans). In: *Obras completas*, vol. 8. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund (1911). O caso Schereber. In: *Obras completas*, vol. 10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1912). A dinâmica da transferência. In: *Obras completas*, vol. 10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1913). Totem e tabu. In: *Obras completas*, vol. 11. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund (1914). Introdução ao narcisismo. In: *Obras completas*, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1915). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: *Obras completas*, vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1920). Além do princípio do prazer. In: *Obras completas*, vol. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1923). O eu e o id. In: *Obras Completas*, vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund (1924). O problema econômico do masoquismo. In: *Obras completas*, vol. 16. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund (1930). O mal-estar na civilização. In: *Obras completas*, vol. 18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund (1932). Por que a guerra?. In: *Obras completas*, vol. 18. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUKS, Betty. *Freud e a cultura*. São Paulo: JZE, 2003.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de psicanálise*. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MEZAN, Renato. *A trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MONZANI, Luiz Roberto. O paradoxo do prazer em Freud. In: FULGÊNCIO, Leopoldo; SIMANKE, Richard (orgs.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.

MONZANI, Luiz Roberto. Totem e tabu: uma revisão. In: MONZANI, Luiz Roberto; SORIA, Ana Carolina Soliva. *Freud: filosofia e psicanálise*. São Carlos: EDUFSCar, 2019.

NAMBA, Janaína; SORIA, Ana Carolina Soliva (orgs.). *Cem anos de Além do princípio do prazer*. São Paulo: Alameda/CNPq, 2023.

SOUZA, Paulo César. *As palavras de Freud*. São Paulo: Ática, 1999.